



HOMENAGEM

Musical conta a história de Assis Chateaubriand, que mudou para sempre o jornalismo brasileiro ao fundar um dos mais longevos conglomerados de mídia do país. Em cartaz no Rio, espetáculo estreará em Brasília em 29 de maio

Chatô, o homem que revolucionou o Brasil

» ANA DUBEUX
Enviado especial ao Rio de Janeiro

O musical *Chatô & os Diários Associados — 100 anos de paixão*, em cartaz no Teatro João Caetano, no Rio, até 27 de abril, com texto de Fernando Moraes e Eduardo Bakr, e direção de Tadeu Aguiar — é uma ode aos primórdios da TV no Brasil, ao rádio e à liberdade de imprensa.

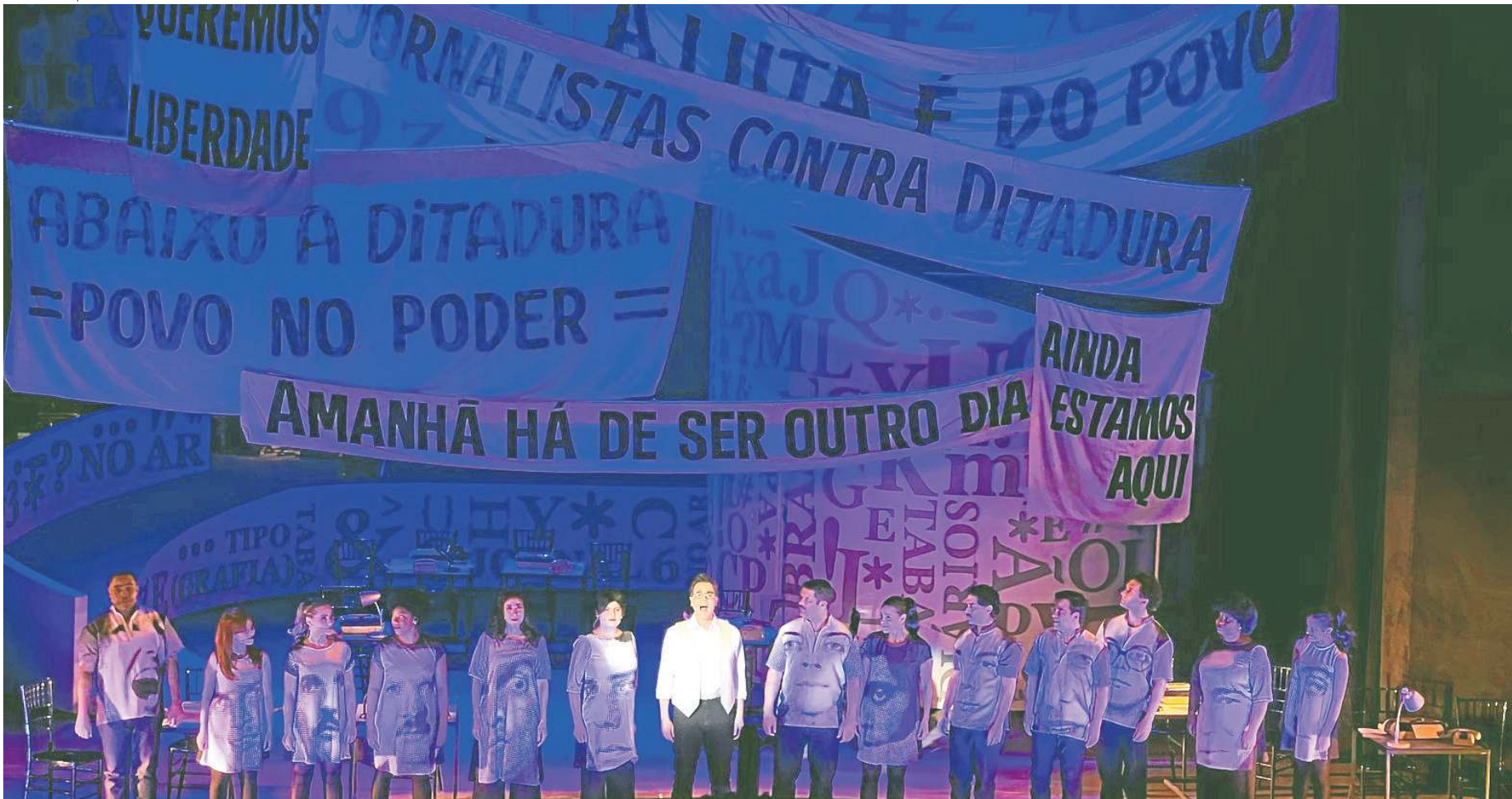
É um acontecimento cultural de impressionante atualidade em meio à celebração dos 40 anos de redemocratização, depois de o Brasil receber pela primeira vez o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro com o filme *Ainda estou aqui*, com a história de Rubens Paiva, sob a ameaça de golpes. A trama do musical viaja, a um só tempo, pelo presente, pelo passado e pelo futuro do Brasil.

A vida de Assis Chateaubriand, o cangaceiro modernista e modernizador da comunicação no Brasil, como o batizou o columnista do **Correio** Severino Francisco, entrelaça todo o musical, que estreará em Brasília em 29 de maio. Ele foi um personagem tão relevante que a história de Chatô se confunde com a história do jornalismo brasileiro e com a história do país.

Stepan Nercessian interpreta esse personagem, que transformou a comunicação do Brasil ao fundar um dos mais importantes e longevos conglomerados de mídia do país. Chatô foi um dos criadores do Museu de Arte Moderna de São Paulo, ao lado de Pietro Maria Bardi, inaugurou em 1950 a primeira emissora de tevê do Brasil, a TV Tupi, e revelou inúmeros talentos em seus jornais e revistas. Entre outros, Rubem Braga, Joel Silveira e Millôr Fernandes.

O musical viaja entre passado e presente e mostra as transformações feitas por Chatô nos meios de comunicação, enquanto acompanha Fabiano, interpretado por Cláudio Lins, um jornalista desempregado que, ao encontrar a estátua de Chatô em Recife, é levado por ele a revisitar momentos icônicos da mídia, como a criação da *Revista O Cruzeiro* e a inauguração da TV Tupi, a primeira emissora de televisão do Brasil.

Mariana Campos/CB/D.A Press



Peça conta a história da revolução da comunicação brasileira e momentos cruciais do país. Musical está em cartaz no Rio de Janeiro e chega a Brasília no mês que vem

Em uma linha paralela, o musical se detém no relacionamento de Fabiano com Juliana, uma colega jornalista, explorando conflitos pessoais e profissionais que refletem os desafios do jornalismo contemporâneo. A trama mescla história, romance e música para destacar o legado cultural de Chatô.

E não se trata de uma história oficial. Chatô é representado com suas contradições, humanas, demasiado humanas, mas também na grandeza de jornalista comprometido com a profissão, com o Brasil e com a democracia. Na peça, o próprio Chateaubriand lamenta ter apoiado a ditadura durante quatro meses. E, aí, ele diz que se orgulha de se arrepender.

O ofício de jornalista sobrevive apenas no ambiente de liberdade de

expressão garantido pela democracia. A resistência é sutil, mas ocorre uma mudança de consciência. Chatô abre espaço para um programa com Caetano Veloso e Gilberto Gil, Gal. Revela um outro Brasil. As conexões entre o passado e presente são evidenciadas. A transformação vem por meio da música.

Sempre pelo fio narrativo das canções, é mostrado por meio do cotidiano de uma redação de jornal o quanto é importante a liberdade de imprensa conquistada ao longo de 40 anos de redemocratização. Ao fim, parte da plateia do Rio de Janeiro ficou empolgada e gritou “sem anistia”. Mas Cláudio Lins, o filho de Ivan e Lucinha, explicou que a peça coloca a democracia em debate e o público é livre para tomar o partido que quiser.

Ficha técnica

O elenco inclui Stepan Nercessian como Chatô; Claudio Lins como Fabiano; Patrícia França como Juliana; e Sylvia Massari no papel de Dona Janete, secretária do comunicador. A produção ainda conta com Anna Priscilla, Caio Giovani, Carol Futuro, Cristiana Pompeo, Fernanda Misailidis, Flávio Moraes, Giselle Prattes, José Mauro Brant, Marcelo Alvim, Tati Cristine, Thiago Marinho, Thór Junior, Thuca Soares e Valentina Schmidt, que dão vida a personalidades que marcaram a história cultural brasileira, como Carmen Miranda, Hebe

Camargo e Lolita Rodrigues.

A trilha sonora, composta por sucessos de nomes, como Caetano Veloso, Gal Costa e Ivan Lins, tem direção musical de Thalysen Rodrigues, que também assina os arranjos vocais e instrumentais ao lado de Diógenes de Souza, com supervisão musical de Guto Graça Mello.

As coreografias são de Carlinhos de Jesus — que assina pela primeira vez uma criação em musical —, a iluminação é de Paulo Cesar Medeiros, o design de som de Gabriel D'Angelo, a cenografia de Natália

Lana, o figurino de Dani Vidal e Ney Madeira e o visagismo de Fernando Ocazione. Já a direção de produção é de Valéria Macedo e a produção de Naura Schneider.

Os *Diários Associados*, fundados por Chatô na década de 1920, alcançaram seu auge como um dos maiores grupos de comunicação da América Latina, com mais de 100 veículos espalhados pelo Brasil. Apesar das transformações ao longo dos anos, o legado do grupo segue vivo e é celebrado no espetáculo, que homenageia essa trajetória centenária.



ROBERTO BRANT

"O MUNDO CONFIOU DEMAIS EM QUE A NAÇÃO AMERICANA ERA GUIADA POR PRINCÍPIOS E QUE SUAS INSTITUIÇÕES SECULARES ERAM À PROVA DE AVENTURAS E DE RISCOS EXISTENCIAIS. AGORA, RESTA ÀS DEMOCRACIAS LIBERAIS, INESPERADAMENTE ÓRFÃS DA LIDERANÇA E DA PROTEÇÃO AMERICANA, REAGRUPAREM-SE NO PLANO POLÍTICO E NO PLANO ECONÔMICO"

Tarifaço de Trump: uma oportunidade que não podemos perder

Já não resta qualquer dúvida de que as ações do governo dos Estados Unidos, além de exportar cruamente as insuspeitas fragilidades das instituições políticas americanas, está demolindo os fundamentos da ordem econômica e política internacional. O mundo confiou demais em que a nação americana era guiada por princípios e que suas instituições seculares eram à prova de aventuras e de riscos existenciais. Agora, resta às democracias liberais, inesperadamente órfãs da liderança e da proteção americana, reagruparem-se no plano político e no plano econômico, se quiserem preservar seu modo de vida, conquistado com muito sacrifício ao longo da história. Sempre vivemos com a certeza

de que a América era o último refúgio possível para as autocracias e agora já não temos certeza de nada. A Europa, o Canadá, a América Latina, o Japão, a Coreia do Sul, a Austrália vão ter que reformar suas instituições políticas para impedir que os inimigos da democracia usem a própria democracia para matá-la. Será preciso que encontremos um limite para a tolerância para que a intolerância não prevaleça. E não permitir que a liberdade seja uma arma contra a liberdade. A democracia é uma conquista diária e nunca estará garantida para sempre. Devemos saber conviver com as autocracias sem nos confundir com elas.

No plano econômico, os mesmos desafios estão presentes. Os

Estados Unidos são uma economia poderosa, até hoje, na vanguarda da inovação e da invenção de novas tecnologias. Sua população de alta renda sempre consumiu muito, mantendo uma alta demanda para a produção do resto do mundo com seus mercados abertos, absorvendo quase 15% das importações mundiais.

O súbito fechamento de seu mercado vai provocar um choque nas principais economias do mundo e poderá levar alguns países mais vulneráveis a uma situação crítica. Se o mundo decidir por retaliações, o cenário se tornará caótico, pois o governo americano, ao contrário dos governos realmente democráticos, não tem limites

para sua reação e o comércio se tornará uma guerra.

Há quem diga que o governo Trump não vai durar para sempre. Seus efeitos, no entanto, serão duradouros, pois a quebra de confiança foi dramática e dificilmente será esquecida. Nada pode garantir que outra liderança com os mesmos instintos e os mesmos propósitos não voltará ao poder. Para a próxima geração, pelo menos, os Estados Unidos serão um país a evitar, do modo que for possível.

A reconfiguração da economia e do comércio internacional pode ser uma grande oportunidade para o Brasil. Todos os países atingidos pelas ações unilaterais dos Estados Unidos têm, diante de si, a alternativa de reagir com retaliações, em

um jogo desigual em que o poderio americano tende a prevalecer no final, ou procurar novas alianças e parcerias no plano econômico e comercial, criando áreas de comércio livre que possam com o tempo compensar as perdas com o mercado americano.

O Brasil tem dimensão econômica e estágio de desenvolvimento, além de recursos naturais sem paralelo, para ser um ator de grande relevo na formação dessa nova economia. Para isso, tem que tomar decisões estratégicas, renunciando à sua velha vocação de autossuficiência e abrindo seus mercados, para integrar-se em grandes acordos de comércio com os países agora feridos pela ação americana, na Europa e na Ásia.

Não podemos ainda ter a certeza de que nossas elites empresariais estão preparadas para este passo, mas se não ousarmos perderemos talvez nossa última oportunidade de ser um grande país. A grande incógnita, mais uma vez, será a política. Estamos, infelizmente, divididos em quase tudo. De um lado, o ex-presidente Jair Bolsonaro esquece os interesses do Brasil e defende as medidas do presidente dos Estados Unidos, afirmando que ele está apenas protegendo o seu país contra o socialismo. Quanto ao nosso presidente, sua retórica parece querer apenas tirar vantagem da vitimização do Brasil em benefício de sua popularidade. Nenhum dos dois está à altura do momento. Mais uma vez, temos líderes errados na hora errada.